

MUNDOS INDÍGENAS

në ropë
weichö

corpo-território

yã y hã mĩy

o grande tempo das águas

curadoria de

Davi Kopenawa
Joseca Yanomami

Júlio David Magalhães
Viviane Cajusuanaima Rocha

Vicente Xakriabá
Edvaldo Xakriabá
Célia Xakriabá

Isael Maxakali
Sueli Maxakali

Kanatyó Pataxoop
Liça Pataxoop

INTRODUÇÃO

O Espaço do Conhecimento UFMG foi inaugurado em 2010 buscando conjugar cultura, ciência e arte em suas exposições e atividades. Atualmente, é fruto de uma parceria entre o governo do Estado de Minas Gerais e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É ligado à Diretoria de Ação Cultural da UFMG e integra o Circuito Liberdade.

O museu conta com uma exposição de longa duração intitulada Demasiado Humano, que ocupa três dos cinco andares do Espaço. A busca por conhecimento pelo ser humano é o ponto de partida dessa exposição, que utiliza recursos audiovisuais e interativos, possibilitando ao público uma experiência visual, tátil e sensorial. Além disso, o Espaço recebe exposições temporárias em seu segundo andar, na cafeteria e no hall do quinto andar. Este é o caso da Exposição Mundos Indígenas, aberta ao público em dezembro de 2019.

O Núcleo de Ações Educativas, Acessibilidade e Estudos de Público do Espaço do Conhecimento UFMG desenvolve ações educativas junto aos diversos públicos do Espaço do Conhecimento UFMG, tendo como pilares a educação não formal, a divulgação científica e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Em 2020, o Núcleo criou o projeto Espaço Aberto a Educadores, a fim de manter e ampliar o diálogo com os professores e educadores interessados nos conteúdos e atividades desenvolvidas no museu. Para isso, foi criada uma coluna especial no Blog do Espaço!, com textos voltados para educadores, publicados na última semana de cada mês. Os textos trazem discussões sobre o processo de mediação, o planejamento de visitas e diversos outros assuntos pertinentes à área de educação, cultura e museologia.

Este guia compõe o projeto Espaço Aberto a Educadores e reúne um conjunto de referências relacionadas à exposição temporária Mundos Indígenas, atualmente abrigada no segundo andar do Espaço do Conhecimento UFMG. O objetivo é disponibilizar materiais para os educadores que desejam trabalhar os conteúdos da exposição junto a suas turmas, mesmo no contexto do ensino não presencial.



A história dos povos indígenas brasileiros não é uma só. Tão grande quanto um continente, nosso país abriga populações plurais, com costumes e tradições diversas. Na exposição Mundos Indígenas, inaugurada no Espaço do Conhecimento UFMG em dezembro de 2019, são apresentados ao público os modos de viver, de saber e de cuidar dos povos Maxakali, Pataxoop, Xakriabá, Yanomami e Ye'kwana. Na mostra, patrocinada pelo Instituto Unimed-BH e pelo BDMG Cultural, os conceitos foram propostos por um conjunto de curadores e curadoras indígenas, que nos convidam a conhecer seus mundos. Mundos que criam e envolvem existências humanas e outras – como plantas, animais e espíritos – com quem convivem e compartilham o respeito e o amor pela Terra.

O convite para compreender realidades indígenas depende de uma disposição para experienciar seus mundos sem traduzir ou comparar com a nossa realidade conhecida. Seguindo a condução dos professores-curadores, aprendemos a interagir com a diferença, aceitando o desafio de entender seus mundos em seus próprios termos. Para além da curiosidade de conhecer diferentes maneiras de viver, o convite que nos fazem é para aguçar nossos sentidos e intelecto para assim perceber realidades constituídas com base em outras premissas sobre aquilo que existe. Premissas que fundamentam, afinal, a constituição de outros mundos - possíveis e co-existent.

Nos mundos indígenas, a relação com a Terra não é pautada por uma separação entre domínios distintos, como natureza e cultura, mas apresenta uma interação ativa com outras gentes e entidades, como plantas, animais e espíritos. Nesses mundos, há mais gentes com quem se relacionar através de práticas, modos de comunicação e significados próprios.

Para existirem em seus próprios termos, os mundos indígenas precisam resistir cotidianamente à subordinação de seus saberes ao que lhes é apresentado como verdade exclusiva – ou verdade superior às suas. A necessidade de lutar para continuarem a existir também advém

da falta de entendimento de seus mundos.

Com professores-curadores indígenas e seus mundos podemos aprender a coexistir, a interagir com respeito e delicadeza. Aprender que o mundo é um e muitos.

Vivem hoje no Brasil 305 povos indígenas que falam 274 línguas diferentes. A população indígena no Brasil é de 896.917 pessoas, sendo 324.834 moradoras das cidades e 572.083 de aldeias espalhadas de Norte a Sul do país (segundo o IBGE Censo 2010). Dessa rica diversidade de territórios socioambientais, a exposição tem a curadoria de 5 povos, convidados por possuírem mais de 20 anos de presença na UFMG como professores, alunos e pesquisadores, na Faculdade de Educação e na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. (Trecho extraído do painel introdutório da exposição Mundos Indígenas).



Figura 1: Mapa extraído da exposição Mundos Indígenas

VISITA VIRTUAL À EXPOSIÇÃO MUNDOS INDÍGENAS



Em função do fechamento temporário do museu, devido à pandemia de Covid-19, a equipe do Espaço do Conhecimento UFMG preparou uma série de vídeos a fim de propiciar ao público a experiência da visita virtual à exposição.

A série "Visita Virtual à Exposição Mundos Indígenas" foi divulgada no Youtube em setembro de 2020 e é composta por seis vídeos. O primeiro vídeo trata de uma introdução ao universo da exposição. Os outros cinco vídeos tratam dos conceitos que os curadores e curadoras escolheram para apresentar os seus mundos. Os vídeos podem ser acessados no link: https://www.youtube.com/playlist?list=PLj6artl7bRnc8JxneRBpWk_oCCMLiT-M9.

Os vídeos foram elaborados de forma colaborativa pelas equipes dos Núcleos de Ações Educativas, Expografia e Audiovisual do museu. O roteiro partiu das experiências de mediação no período anterior às medidas de distanciamento social e buscou construir uma visita onde o espectador, a partir do vídeo introdutório, pode criar o seu próprio percurso pelos conceitos apresentados na exposição. Assim, os vídeos são independentes entre si e podem ser vistos na ordem que o espectador desejar. Os conceitos são apresentados como um convite para que o espectador conheça os mundos indígenas sem fazer comparações e traduções a partir da sua própria realidade.

MATERIAL COMPLEMENTAR



A seguir, listamos algumas publicações e materiais audiovisuais que podem contribuir para a discussão sobre os temas colocados na exposição. São apresentados, inicialmente, conteúdos relacionados aos povos indígenas no Brasil, de modo geral. Em seguida, são apresentadas breves sínteses e outras referências relacionadas a cada um dos povos ligados à mostra "Mundos Indígenas".

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

CUNHA, Manuela Carneiro da. Índios no Brasil: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012. 159 p.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Revista USP, 75, 76-84, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH), 1, 17-33, set. 2000. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ribamar.pdf

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Coleção de livros didáticos do referencial curricular nacional para as escolas indígenas: informações para o professor. Brasília: MEC/SEF/DPEF/CGAEI, 1998. 41 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002029.pdf>

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 85 p.

LAGROU, Els.; PIMENTEL, Lucia Gouvêa; QUINTAL, William Resende. Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. 127 p.

Revista do Patrimônio: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, nº 32, 2005. Patrimônio Imaterial e biodiversidade. 376p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/rev_pat_n32.pdf

Trabalhos de conclusão de curso dos alunos do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas - FIEI da UFMG. Disponíveis em: https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/monografias_index.htm

Páginas Web:

ISA – Instituto Socioambiental. Portal Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal



CURADORES YE'KWANA

Vicente Castro e Júlio Rodrigues

Aldeias Tajädedatonnha, Fuduwaadunnha, Kudaatannha e Waichannha – RR

- Os Ye'kwana são falantes de uma língua Caribe e vivem em extenso território cortado pela fronteira internacional Brasil-Venezuela.
- No Brasil, são quatro aldeias ye'kwana situadas na porção noroeste do estado de Roraima, na Terra Indígena Yanomami, três delas ao longo do Rio Auaris e uma situada ao longo do Rio Uraricoera. A população das quatro aldeias é de 593 pessoas.
- A tradição oral ye'kwana nos diz que no passado, todos os ye'kwana viviam no coração do território tradicional, nas cabeceiras dos rios que formam a bacia do Orenoco.

CONCEITO-TEMA YE'KWANA

WEICHÖ

Os Ye'kwana propõem apresentar alguns dos elementos significativos que expressam sua maneira singular de compor o mundo – o seu weichö.

- De acordo com o sábio ye'kwana Vicente Castro, existe uma miríade de weichö – um modo de vida próprio de cada povo.
- O ye'kwana weichö congrega as wätunna, narrativas de origem oralmente transmitidas de geração a geração e os a'chudi e os ädemi, cantos ye'kwana vinculados a rituais, processos de cura e cuidados corporais.
- Narrativas e cantos constituem a fonte última do conhecimento ye'kwana, carregando o saber acerca do surgimento do mundo, dos seres, das relações entre eles, bem como as regras e valores que devem pautar a vida.
- Enquanto corpus de conhecimento, trata-se de um todo aberto à experiência e à incessante produção e incorporação de novos elementos oriundos da própria experiência mundana e da criatividade e interpretação dos sábios.

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

ANDRADE, K. V.; YUDUWANA, V. C. A origem de tudo - uma teoria ye'kwana sobre a criação do mundo. Revista da UFMG, Belo Horizonte, v. 22, n. 1 e 2, p.160-181, jan./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2744>

Páginas Web:

ISA – Instituto Socioambiental. Portal Povos Indígenas no Brasil - Povo Ye'kwana. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ye'kwana>



CURADOR YANOMAMI

Davi Kopenawa

Aldeia Watoriki – AM

- Os Yanomami somam mais de 35 mil pessoas vivendo no Brasil e na Venezuela. No Brasil, a Terra Indígena Yanomami cobre 9.664.975 hectares (96.650 km²) de floresta tropical, nos estados de Roraima e Amazonas, e é reconhecida por sua relevância para a proteção da biodiversidade do bioma amazônico.
- Os Yanomami falam (ao menos) 6 línguas diferentes, pertencentes à mesma família Yanomami. Dentre elas o Yanomae, falado por Davi.
- Watoriki, a aldeia de Davi Kopenawa, tem mais de 100 pessoas morando em uma grande casa comunal (shapono) nas proximidades do rio Demini.

CONCEITO-TEMA YANOMAMI

NĚ ROPĚ

As árvores da floresta e as plantas de nossas roças também não crescem sozinhas, como pensam os brancos.

Nossa floresta é vasta e bela. Mas não o é à toa. É seu valor de fertilidade que a faz assim. É o que chamamos nê rope.

Kopenawa e Albert. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. 2015. pp- 207.

Nê rope foi o conceito-tema escolhido pelo curador Davi Kopenawa para apresentar o mundo Yanomami aos sentidos de uma população urbana. Um conceito que conecta agricultura e biodiversidade a uma ampla rede de trocas entre seres humanos e não-humanos.

- A terra-floresta (urihi a) yanomami é uma entidade viva e complexa e nê rope, um de seus valores/agentes. Nê rope é o valor de fertilidade da floresta, oposto ao valor de fome (nê ohi). Evoca a fertilidade, a abundância e a riqueza da floresta.

- Mas a imagem/espírito de nê rope dança e outro mundo se descortina. Um mundo no qual a agência e os corpos de qualidades intangíveis se revelam a olhos e sentidos aguçados.

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. O ouro canibal. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 8, p. 32 - 41, 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/o-ouro-canibal/>

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729 p.

MACEDO, Valéria; MASSARANI, Mariana. Aldeias, palavras e mundos indígenas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015. 23 p.

ISA – Instituto Socioambiental. Sonhos das origens/Descobrimdo os Brancos. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Sonho_das_origens/Descobrimdo_os_Brancos?printable=yes

Páginas Web:

ISA – Instituto Socioambiental. Portal Povos Indígenas no Brasil - Povo Yanomami. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>



CURADORES XAKRIABÁ

Vicente e Edvaldo

Aldeias Caatinginha, Sumaré e Barreiro Preto – MG

- Antigos habitantes do Vale do São Francisco, os Xakriabá vivem, sobretudo, no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, nas Terras Indígenas Xakriabá e TI Xakriabá Rancharia.
- São mais de dez mil pessoas, sendo uma das maiores populações étnicas do Brasil.
- Hoje são aproximadamente quarenta aldeias em 53.085 hectares e há um processo de revisão da TI Xakriabá - atualmente suspenso por decisão da justiça - que busca retomar o acesso e o uso de locais tradicionais.

CONCEITO-TEMA XAKRIABÁ

CORPO-TERRITÓRIO

No corpo, como no território, se tecem e escrevem histórias, se registram saberes. Diz pajé Vicente: "Não é só a pele que é pintada, mas o próprio espírito".

Para nós, as pinturas corporais estão além da pele. Nelas se registram os benzimentos e as plantas que curam, trazem a natureza e as profecias do tempo para prever chuva, sol e outras temperalidades, como diz D. Maria: "O tempo deve ser como tempero: cada um tem o seu diferente".

Corpo-território foi o conceito escolhido pelos curadores para apresentem o mundo Xakriabá. E nos dizem:

- O território é nossa morada coletiva, mas é também nossa morada interior. Com o território a relação não é da terra como matéria: é uma relação ancestral como corpo e espírito.
- Quando nos perguntam quem somos, dizemos que somos os que retomaram a terra roubada. Somos um povo da espiritualidade, que segura uma mão na caneta e a outra no maracá, pois o que alimenta a nossa luta é o pisar no chão e a orientação espiritual que vem do cocar.

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

ALKIMIM, Erick Correa de; SANTOS, Marilene de Oliveira. Casa de cultura Xakriabá: lugar de conhecimento, cultura, memória e história. 2019. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-MarileneErick.pdf>

ARAÚJO, Lindaura Gomes de. As plantas medicinais da aldeia Prata no território Xakriabá: resgatando e valorizando os conhecimentos tradicionais. 2019. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Lindaura.pdf>

CORREA, Célia Nunes (Célia Xacriabá). O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada. 2018. 218 f., Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34103>

OLIVEIRA, Marilsa Lopo de. As transformações do meio ambiente no território indígena Xakriabá: os impactos causados na fauna e na flora. 2019. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Marilsa.pdf>

SANTOS, Laura Caetana dos. Extrativismo, agricultura e construção: a diversidade dos solos da aldeia Prata (território indígena Xakriabá, Minas Gerais). 2019. 80 f. Trabalho de Conclusão

de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Laura.pdf>

SILVA, Edineia Moreira; MOTA, Janaine Nunes da. Artesanatos Xakriabá: sustentabilidade, conhecimentos e desafios. 2019. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-EdineiaJanaine.pdf>

Páginas Web:

ISA – Instituto Socioambiental. Portal Povos Indígenas no Brasil - Povo Xakriaba. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xakriab%C3%A1?printable=yes>



CURADORES TIKMŨ'ŨN

Sueli e Isael Maxakali

Aldeia Hãm Yĩxux . Aldeia Verde – MG

- Os Tikmũ'ũn, mais conhecidos como Maxakali, vivem atualmente em algumas das menores terras indígenas do país, no Vale do Mucuri, nordeste de Minas Gerais.
- As cerca de 2.500 pessoas vivem nas aldeias de Água Boa, município de Santa Helena de Minas; Pradinho e Cachoeira, no município de Bertópolis e Aldeia Verde.
- São falantes da língua Maxakali, do tronco linguístico Macro-Jê.

CONCEITO-TEMA TIKMU'UN (MAXAKALI)

YĀY HĀ MĪY

yāmĩy te yāy hā kokex
o yāmĩy virou lobo
yāmĩy te yāy hā hāmgāy
o yāmĩy virou onça

yây hã kokex
virou lobo
yây hã hãmgây
virou onça

Yây hã miy, conceito escolhido pelos curadores Sueli e Isael Maxakali para esta exposição é uma expressão onipresente nas histórias que os Tikmu'ũn contam entre si há várias gerações, atravessados por episódios em que os antigos mōnāyxop transformaram-se em outros: animais, espíritos.

- A partir destas histórias de transformações, Sueli e Isael pretendem apresentar ao público da exposição um pouco deste multiverso contado, cantado, tecido, ilustrado e filmado pelos Tikmu'ũn.
- Os Tikmu'ũn mantém ativa a memória dos "tempos das transformações" atualizada em seus encontros quase diários com uma miríade de povos-espíritos, os yāmiyxop, que de tempos em tempos descem de suas terras outras para lhes visitar em suas aldeias.
- É através dessa trama de relações com o território e suas subjetividades outras que a presente proposta pretende se guiar, pelo fio das transformações.

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha; BERBERT, Paula. Embranquecer as terras, disciplinar os corpos: notas sobre a política indigenista junto aos tikmũ,ũn/maxakali entre 1940 e 1988. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 129-179, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/83442>

MAXACALI, Isael; MAXACALI, Sueli. Desta terra, para esta terra. In: FORUM DOC BH 2017. Catálogo do 21º festival do filme documentário e etnográfico fórum de antropologia e cinema. Belo Horizonte: Imprensa Universitária UFMG, 2017, p. 102-105. Disponível em: http://www.forumdoc.org.br/catalogos/catalogo_forumdoc_2017.pdf

LIMA, P. L. O.; CARIE, N. S. Narrativas Maxakali: possibilidades para o ensino de cultura e história indígena. Educação em Revista, v. 29, p. 41-62, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982013000300003&script=sci_abstract&tlng=pt

RAFAEL, Maxakali. Hitupmã'ax = Curar. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: Cipó Voador, 2008. 266 p. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/indigena/CURAR%20livro%20de%20sa%C3%BAde%20Maxakali.pdf

ROMERO, Roberto. Quase extintos. Piseagrama, 8, p. 18-23, 2015. Disponível em: <https://>

piseagrama.org/quase-extintos/

TUGNY, Rosângela Pereira de. Reverberações entre cantos e corpos na escrita Tikmũ'ün. Revista Transcultural de Música, n. 15, p. 1-27, 2011. Disponível em: http://sibetrans.com/trans/public/docs/trans_15_18_Pereira.pdf

TUGNY, Rosângela Pereira de. Trem do progresso. Piseagrama, Belo Horizonte, número 02, página 07 - 09, 2011. Disponível em: <https://piseagrama.org/trem-do-progresso/>

Páginas Web:

ISA – Instituto Socioambiental. Portal Povos Indígenas no Brasil - Povo Maxacali. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Maxakali?printable=yes>



CURADORES PATAXOOP

Dona Liça e Kanatyó

Aldeia Muã Mimatxi – MG

- Originários do Sul da Bahia, os Pataxó de Minas Gerais vivem principalmente na Fazenda Guarani, no município de Carmésia, totalizando aproximadamente 400 pessoas.
- Outros grupos vivem no município de Itapeçerica, na Aldeia Muã Mimatxi; no Município de Açucena, na Aldeia Geru Tucunã; no Município de Guanhães, na Aldeia Mirueira e no Município de Araçuaí, na aldeia Jundiba Cinta Vermelha, juntamente aos Pankararu.
- A população de Pataxó também é grande nas regiões urbanas de Minas Gerais.

CONCEITO-TEMA PATAXOOP

TEMPO GRANDE DAS ÁGUAS

D. Liça diz:

O branco acha que o índio é só o da floresta, da Amazônia. Mas o meu povo não teve nem como correr: foi como ser pego no laço e encurralado. Os outros não. Eles têm riqueza – que para

nós é o verde, as águas. Isso é herança dos velhos, viver com mata, com tudo que os yãmiyxop colocaram no mundo.

É através do conceito-tema do Grande Tempo das Águas que os curadores pataxó D.Liça e Kanatyó pretendem nos dar a conhecer alguns aspectos de seu mundo. Um mundo no qual, nos explicam, "é tudo ligado a tudo..."

- Quando começa o novo ano, em agosto, setembro, outubro, fazemos um grande ritual para a natureza-terra. O Grande Tempo das Águas é o tempo dos brotos, tempo da renovação e nascer da vida.

- Celebramos o tempo em que o povo chegou à terra – yãmiyxop, filho das águas. Quando viemos à terra, o caminho e a nossa trazida foi nesse tempo, em que tudo nasce, cresce.

- A cada tempo nós e os rios, os brejos e os olhos d'água se renovam. Onde tem vida, o mar, que é o dono do mundo. Importante saber disso porque a gente-homem quer ser dono do mundo, mas quem Deus pôs foi o mar, que não tem fim. É ele, o mar, que é.

REFERÊNCIAS PARA CONHECER MAIS

Publicações:

BRAZ, Raíres Alves. Jogos familiares Pataxó da aldeia Muã Mimatxi em Itapeçerica-MG. 2019. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Raires.pdf>

BRAZ, Werymehe Alves. Tehey de pescaria de conhecimento. 2019. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Werynehe.pdf>

KANATYO; SARAH; SIWÊ; DUTERAN; LIÇA; CLOVES. A escola pataxó Muã Mimatxi. Diversa - Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, ano 10, n. 19, maio de 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/19/artigo-escola.html>

SANTOS, Sijanete Alves dos.; BRAZ, Salvino dos Santos. Txopai e Itôhã. São Paulo: Saraiva, 2014.

SANTOS, Reginaldo Ramos dos [Akanawan Baenã Txôipehinã Hãhãhãe Txitxiáh]. "Kuín kahab mikahab – quero comer, quero viver": O povo Pataxó Hãhãhãe e a luta por sua língua = "Kuín Kahab Mikahab": iô hãhãhãe Pataxó Hãhãhãe ug i? ikhã ikô tâypâk anakö. 2019. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em

Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Reginaldo.pdf>

SILVA, Gilzimar Santos [Jaypô Hayô Pataxó]. A física aplicada nas modalidades esportivas indígenas Pataxó. 2019. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2019/TCC-Gilzimar.pdf>

Páginas Web:

Portal Povos Indígenas no Brasil - Povo Pataxó: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>